

(DES)ENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR PARA ESTIMULAR O INTERESSE DOS ALUNOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO CRÍTICA E EMANCIPADORA

Sabrine Lino Pinto *
Sônia Cristina Vermelho **

Resumo: Este trabalho buscou analisar as mediações pedagógicas e potencialidades da biblioteca escolar no intuito de estimular o interesse dos alunos nos conteúdos curriculares de disciplinas variadas do ensino fundamental por meio de uma experiência em uma escola municipal localizada em Manguinhos, na cidade do Rio de Janeiro. É uma pesquisa qualitativa que se caracteriza como pesquisa participante cujos dados foram coletados mediante os registros no diário de campo da pesquisadora e atividades produzidas pelos alunos. Os resultados demonstraram que a biblioteca é um espaço que oportuniza aos alunos o exercício da leitura e da escrita por meio de atividades pedagógicas atrativas e condizentes com sua realidade, possibilitando aos professores o uso de estratégias didáticas diferenciadas no processo de alfabetização crítica e emancipadora.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Atividades curriculares. Contexto social.

DEVELOPMENT OF (AND INVOLVEMENT IN) PEDAGOGICAL ACTIVITIES IN THE SCHOOL LIBRARY TO PROMOTE STUDENTS' INTEREST IN THE PROCESS OF CRITICAL AND EMANCIPATING INITIAL READING INSTRUCTION.

Abstract: This study aimed to analyze the school library pedagogical mediations and potentialities in order to promote the students' interest in the curricular subjects of various elementary school subjects through an experience in a municipal school located in Manguinhos, in the town of Rio de Janeiro. It is a qualitative investigation that is characterized as participant research which data were obtained through the records in the researcher's field diary and activities developed by the students. The results have demonstrated that the library is a place that enables students to exercise reading and writing through attractive pedagogical activities compatible with their realities, allowing teachers to use distinctive didactic approaches in the process of critical and emancipating initial reading instruction.

Keywords: School library. Curricular activities. Social context.

Introdução

De acordo com o Plano Nacional de Educação (2010-2020), o cenário atual da educação pública brasileira apresenta um diagnóstico situacional das escolas marcadamente deficitário de infraestrutura física e financeira. Tal situação acarreta o desestímulo em aprender e pela leitura, que é reforçado pelo modelo de escola existente, o qual é ultrapassado, bem como a manutenção dos currículos e práticas pedagógicas que, em vez de estarem atrelados aos interesses e realidades dos alunos, se distanciam deles (SIBILIA, 2012).

Por conseguinte, o ensino se depara com o desafio de atrair o aluno para os conteúdos curriculares trabalhados em sala de aula de forma agradável e proveitosa, sem ser sacrificante. Por isso, os professores devem sentir-se estimulados a introduzir técnicas e ferramentas pedagógicas diferenciadas para motivar os alunos. Sendo assim, uma ferramenta que acreditamos ser produtiva e conveniente é o aproveitamento do acervo e do espaço da biblioteca escolar para estimular o interesse dos alunos nos conteúdos curriculares mediante a realização de atividades pedagógicas, visando promover uma educação emancipadora para adolescentes vulneráveis socialmente e contribuir para uma ressignificação da biblioteca no contexto escolar.

Essa investigação, portanto, tem como objetivo apresentar os resultados de algumas atividades realizadas na biblioteca da escola pela bibliotecária, em conjunto a professores de disciplinas variadas, em três turmas do ensino fundamental. Ela faz parte de uma pesquisa de doutorado que foi desenvolvida entre os anos de 2015 e 2019, em uma escola municipal, localizada em Manguinhos, na cidade do Rio de Janeiro, que buscou analisar as mediações pedagógicas e potencialidades da biblioteca escolar, num contexto de vulnerabilidade social.

1 A biblioteca engajada no processo de alfabetização crítica e emancipadora

Freire defende que os programas de alfabetização precisam estar pautados na ideia de alfabetização emancipadora, que se caracteriza como um dos caminhos mais viáveis à transformação sócio-histórica da sociedade. Tais programas não devem apenas contemplar a aprendizagem mecânica da habilidade de leitura, mas uma análise da práxis de seu contexto social (FREIRE; MACEDO, 2011). Ao contrário de um processo educativo no qual os alunos se caracterizem por serem meros recipientes de “conhecimentos empacotados” (FREIRE, 1978, p. 46), ele propõe uma teoria emancipadora da alfabetização que prioriza a

[...] leitura crítica de como a ideologia, a cultura e o poder atuam no interior das sociedades capitalistas tardias no sentido de limitar, desorganizar e marginalizar as experiências quotidianas mais críticas e radicais e as percepções de senso comum dos indivíduos. (FREIRE; MACEDO, 2011, p. 42).

Nessa perspectiva, cabe àquele professor que defende e acredita numa educação crítica e revolucionária, transmitir uma relação com o texto que abranja uma forma de atenção, uma atitude de escuta, uma inquietação, e uma abertura. Isso não se limita a adotar uma posição passiva, de apenas administrar o ato de ler durante a aula e deixar somente os alunos lerem, mas fazer que a leitura seja uma experiência possível. Entre outras coisas, a função do professor é manter viva a biblioteca como um espaço de formação onde todos possam encontrar suas próprias inquietações, abrindo-se à possibilidade de pensar a experiência do ponto de vista da formação e transformação da subjetividade (LARROSA, 2006).

Em vista disso, o papel do mediador é importantíssimo para a formação dos indivíduos em crise ou de contextos vulneráveis para que encontrem um modo, por meio de uma educação crítica e emancipadora, de transcenderem sua realidade e suas massacrantes condições. Nesse sentido, Petit (2009a) afirma que o papel do mediador da leitura é o de construir pontes, afinal, “[...] não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto por ler, por aprender, imaginar, descobrir. É um professor, um bibliotecário que, levado por sua paixão, a transmite através de uma relação individual” (PETIT, 2009a, p. 212).

Essa característica recai como uma responsabilidade tanto para os professores como para os bibliotecários. Ambos “podem ser os transmissores de relatos, conhecimentos, palavras, imagens, que deslocam o ângulo de visão a partir do qual os jovens veem o mundo” (PETIT, 2009a, p. 230), por meio do qual podem integrar as pessoas ao ambiente, às informações e à leitura, dando-lhes ou reconhecendo um lugar na crescente teia social. Dirigindo-se mais especificamente aos bibliotecários, Petit (2009a, p. 230) sugere que eles “remem contra a correnteza”, pois precisam atrair e cativar os usuários ao que o universo informacional tem a lhes oferecer: uma riqueza cultural e intelectual inestimável.

Configura-se uma necessidade de atuação, por parte desses profissionais, de não replicarem o gosto imposto e tão “acertado” pela indústria cultural que, na verdade, causa o assujeitamento dos indivíduos em prol da manutenção e sustentação do mercado que também causa um efeito sem medida nos hábitos e bens culturais e curriculares nas escolas e nas bibliotecas (MARCUSE, 1973). Por isso, exige-se também que sejam pacientes, já que é um trabalho a longo prazo, que não tem a visibilidade e projeção na mídia e quase sem retorno e valorização.

Parece ingrato, mas, na verdade, os ganhos são a âmbito individuais, muitas vezes, e se dão por meio de “uma atenção especial às crianças, aos adolescentes, às mulheres e aos homens. Um questionamento diário sobre o exercício de sua profissão. Uma determinação. Uma exigência. Um pouco de imaginação” (PETIT, 2009a, p. 224).

Um fator de peso que se abate sobre o(a) educador(a) é a falta de tempo que se tem “para executar uma tarefa que, pela própria natureza, implica pensamento e reflexão”, sem contar a falta de reconhecimento pelo sistema da dimensão intelectual do ensino, que tem como objetivo principal desqualificar os professores cada vez mais, “reduzindo-os a meros agentes técnicos destinados a caminhar irrefletidamente por entre um labirinto de procedimentos” (FREIRE; MACEDO, 2011 p. 145). Por isso, os educadores não podem trabalhar sozinhos; precisam trabalhar em colaboração para terem êxito “a fim de serem bem-sucedidos na integração dos elementos culturais produzidos pelos alunos subalternos em seu processo educativo”. Para tanto,

[...] tem que inventar e criar métodos com os quais utilizem ao máximo o espaço limitado de mudança possível que tem a seu dispor. Precisam utilizar o universo cultural de seus alunos como ponto de partida, fazendo com que eles sejam capazes de reconhecer-se como possuidores de uma identidade cultural específica e importante. (FREIRE; MACEDO, 2011, p. 149).

É nesse sentido que a educação ganha um sentido revolucionário e de luta, motivador, pois, se não pode tudo, alguma coisa fundamental pode: motivar os educadores(as) a demonstrarem que é possível mudar, reforçando a importância de sua tarefa político-pedagógica. E, uma das alternativas que se mostra conveniente e produtiva é o largo uso do espaço e do acervo da biblioteca como extensão da sala de aula no sentido de se promover aulas diferenciadas e atrativas aos alunos, bem como de favorecer o hábito da leitura.

1.1 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa configura-se como qualitativa, realizada sob o método de pesquisa participante, do tipo pesquisa formação que, com base nos pressupostos

de intervir, reconstruir e transformar, propusemos à direção da escola a realização de atividades na biblioteca durante as aulas, com a participação de professores, mas com condução feita pela pesquisadora, no intuito de ocupar a biblioteca e refazê-la mediante ações que envolveram a sua reabertura e a sua posterior utilização como espaço potencial de se ampliar a promoção de uma alfabetização crítica e emancipatória. Tais atividades foram planejadas para ocorrerem durante dois semestres, em parceria com os professores de Ciências da Natureza, de Língua Portuguesa e de História, e de acordo com os conteúdos curriculares e com os materiais existentes no acervo da escola.

Os planejamentos foram elaborados inicialmente pela pesquisadora, após conversa com cada professor(a), que sugeriu os conteúdos e atividades que poderiam ser trabalhados pelo período possível, diante do contexto da escola, o qual com frequência contribuía com a suspensão das atividades, por conta da violência entre o tráfico e o Estado.

Na pesquisa, utilizamos como instrumento de coleta de dados a produção de textos e os registros dos comentários obtidos mediante cinco atividades realizadas pelos alunos, havendo o registro de alguns momentos com fotos ou filmagens, durante a observação. O período de observação e pesquisa em campo se deu semanalmente, de março a novembro de 2017.

O quantitativo de alunos das cinco turmas que frequentaram a biblioteca foi de 157 alunos, estando assim composto: 42 de uma turma do 7º ano que era levada pelo professor de Ciências da Natureza, 39 de uma turma do 9º ano que era acompanhada pela professora de Língua Portuguesa, 27 de uma das turmas do 6º ano, 29 de outra turma do 6º ano e 20 alunos da turma 8º ano que eram levados pela professora de História.

1.2 Análises e discussão

As atividades foram realizadas, na medida do possível, dentro da programação feita com os professores para o semestre, sendo que outras tiveram que ser adaptadas ou substituídas para atender ao calendário, à realidade e ao contexto da escola e da turma, ou por sugestão dos alunos que não concordaram, ou não demonstraram interesse em realizá-las. Também notamos que as atividades

que necessitavam de uma continuidade extraclasse não surtiam resultado e, por isso, procuramos realizar atividades que pudessem ser feitas no momento da aula, somente. Havia uma turma que, por ser numerosa, exigia tempo para organizar os alunos para explanar as atividades, o que dificultou, ou até impossibilitou o cumprimento da programação. Estávamos cientes de que imprevistos poderiam acontecer e, por isso, preparamo-nos para que as adaptações pudessem ser realizadas, garantindo o cumprimento do cronograma e o uso do espaço da forma mais conveniente e condizente com a realidade da escola.

Dessa forma, foi possível realizar e coletar dados de cinco atividades, no total, assim distribuídas: na disciplina da História, foram realizadas duas atividades, sendo uma de pesquisa bibliográfica e uma de entrevista e levantamento de dados; na disciplina de Língua Portuguesa, uma atividade foi a produção de charges e a outra foi a produção de livros, que culminou com a realização de um café literário e, na disciplina de Ciências da Natureza, uma atividade foi a roda de discussão, a partir da leitura de um livro.

Na disciplina de História, a professora levou os alunos de uma turma do 8º ano para a produção de um trabalho bibliográfico, a partir de um livro da biblioteca de escolha livre, no qual os alunos deveriam produzir um texto escrito e entregar um trabalho com capa, feito à mão. O objetivo da professora foi o de resgatar as técnicas de estudo de décadas passadas, pelas quais as pessoas frequentavam a biblioteca para leitura e realização de pesquisas escolares e transcreviam o texto, de forma manuscrita, sem a utilização de qualquer equipamento tecnológico, o qual acabou por demarcar novas técnicas de estudo, assim como atesta Chartier (1999) ao afirmar que a estruturação do texto na tela possui um fluxo sequencial diferente do texto manuscrito que se organiza em cadernos, folhas e páginas.

Dessa forma, essa atividade configurou-se um resgate às origens, por assim dizer, em que a professora almejou que os alunos se sentissem mais próximos do livro e, ao mesmo tempo, mais livres, como advoga Chartier (1999, p. 13-16), pois, “o texto eletrônico lhe permite maior distância com relação ao escrito”, ao contrário do leitor do livro de códex que “[...] coloca-o diante de si sobre uma mesa, vira suas páginas ou então o segura quando o formato é menor e cabe nas mãos”. E esse processo repetiu-se ao colocá-los para escrever, afinal, como ainda afirma Chartier (1999, p. 16), conseguem produzir “uma grafia diretamente ligada a seus gestos

corporais”, algo que não ocorre com o computador, uma vez que “[...] a mediação do teclado, que já existia com a máquina de escrever, mas que se amplia, instaura um afastamento entre o autor e seu texto”. Esse exercício, então, possibilitou aos alunos observarem e sentirem essas mudanças nas técnicas, modos e hábitos de se ler e escrever, em que, o fato de irem à biblioteca para o realizarem tornou mais real a atividade, fazendo-os sentirem-se mais livres e autônomos na escolha e na manipulação do livro.

Sinalizamos que os alunos sentiram certa dificuldade, como em selecionar um livro e de colocar no papel um texto escrito com suas próprias palavras, mas puderam passar pela experiência de reviver modos passados de estudo, o que os levou a sentirem uma aproximação com o acervo e o espaço da biblioteca, bem como a vivenciar as dificuldades e o tempo gasto sem o uso de ferramentas que otimizam os modos de estudo dos dias atuais. Para a professora, essa atividade foi produtiva, pois oportunizou aos alunos uma experiência na prática que, para o campo da História, é enriquecedora, fazendo com que os alunos refletissem sobre os avanços da sociedade que está, de acordo com Adorno e Horkheimer (1947), sob o poder da indústria cultural cujo intuito é impor padrões que se replicam nos bens culturais e impõem-se em nossos hábitos de consumo, cada vez mais de forma insensata. Dessa maneira, embora o acentuado consumo de bens e produtos garanta o desenvolvimento social e individual, tem acarretado a limitação do pensamento reflexivo do indivíduo, no seu poder de discernimento e autonomia de decisão, o que resulta na formação de uma sociedade alienada e acrítica (ADORNO, 1995), alterando, seja de imediato ou compassadamente, sua maneira de agir, pensar, desejar, e até estudar.

A segunda atividade realizada na disciplina de História foi a realização de uma pesquisa sobre as profissões, a partir de entrevistas e levantamento de dados. O objetivo foi oportunizar aos alunos a experiência de coletar e analisar dados para posterior discussão e reflexão dos resultados. Essa atividade foi realizada por duas turmas do 6º ano e uma do 8º ano, de acordo com as seguintes etapas: primeiramente, os alunos deveriam fazer uma entrevista com vizinhos, parentes, amigos e conhecidos moradores do bairro, acerca de suas profissões. Foi sugerido que coletassem cinco entrevistas, no mínimo. Depois, num segundo encontro, deveriam trazer as respostas para que fizessem uma análise prévia dos dados

levantados na turma. A partir desse resultado, a pesquisadora reuniria as entrevistas de todas as turmas para uma análise final, para posterior exposição e discussão nas turmas. Em algumas turmas, esse processo deu certo, e os alunos cumpriram todas as etapas. Porém, em outras, como já informado anteriormente, por se caracterizar como uma tarefa extraclasse, muitos alunos não realizaram a entrevista. Dessa forma, buscamos uma adaptação, solicitando que a fizessem na própria sala, informando os dados de seus parentes. Conseqüentemente, nessas turmas, a segunda etapa, em que os próprios alunos deveriam analisar os resultados da turma, ficou prejudicada. Sendo assim, a pesquisadora reuniu esses dados para informar, na aula seguinte, o que realmente ocorreu. Depois de apresentados os dados, tanto da própria turma, como o resultado geral de todas as turmas, a pesquisadora e a professora realizaram a discussão dos resultados com os alunos numa roda de conversa, com total interação dos alunos.

Os resultados dessa pesquisa foram os seguintes: foram obtidas, no total, 76 respostas, sendo 20 do 8º ano, 27 de uma das turmas do 6º ano e 29 da outra turma do 6º ano. As profissões mais comuns foram faxineiro, com dez respostas, pedreiro, com seis respostas, doméstica, com cinco respostas, e motorista, com quatro respostas. Profissões como porteiro, cozinheiro, auxiliar de serviços gerais e boleira, babá, entre outras, foram citadas por duas pessoas, cada uma. As menos citadas, com uma resposta cada, variaram bastante, sendo que algumas foram: professora, salgadeira, costureira, copeira, vigia, pastor, zeladora, lanterneiro etc.

Embora a maioria afirmou gostar de trabalhar na profissão atual, as profissões que as pessoas mais afirmaram que gostariam de ter foi engenheiro, com três respostas, quantidade que também apresentaram as profissões de professora, do lar e faxineira. Os alunos de uma das turmas do 6º ano foram os únicos que responderam qual profissão gostariam de ter e a maioria, ou seja, três alunos, disse jogador de futebol. Outras profissões que os alunos afirmaram que gostariam de ter foram: engenheiro, lutador, pertencer a uma equipe de som e chefe de cozinha.

A partir desse resultado, iniciamos uma discussão com cada turma, informando que o mercado de trabalho e as profissões são bem diversas e relembramos algumas que não existiam mais e outras novas, que foram surgindo à medida que houve inovações tecnológicas, mudança de hábitos e do cenário de serviços. Depois, naquelas turmas em que não se responderam qual a profissão que

os alunos gostariam de ter, as respostas foram variadas, embora alguns não quiseram ou não souberam responder. Alertamos, então, sobre a importância de pensarem a esse respeito, já que estavam perto de fazerem o ensino médio e provavelmente muitos cursariam uma graduação. Falamos também da importância de estudarem, uma vez que queiram mudar sua realidade.

Enfatizou-se que isso não significava que as profissões dos pais ou as que mais apareceram nas respostas fossem ruins, mas, como era de conhecimento de todos os envolvidos, eram profissões mal remuneradas e desvalorizadas e, já que têm a oportunidade, que a aproveitassem e procurassem trabalhar no que gostariam ou que pudessem ter a oportunidade de escolher, algo que provavelmente não deve ter acontecido com seus responsáveis.

Na turma do 8º ano, fomos surpreendidas por um aluno que respondeu que queria ser bandido. Não sabíamos se ele respondeu por brincadeira ou de verdade, mas, quando indagado se ele queria viver muito e alertado tanto pela pesquisadora quanto pela professora e por alguns colegas que o crime não compensava, duas alunas começaram a falar ao estudante que isso não era vida, até que ele começou a mudar o rumo da conversa, dizendo que gostava de trabalhar com dinheiro e finanças. Uma dessas alunas respondeu que quer ser delegada e esse aluno a criticou, pois ele não gostava de polícia, sentimento compartilhado por outros alunos, segundo constatações da pesquisadora, por meio das suas observações em campo.

Mediante a discussão, os alunos puderam compreender a realidade do mercado de trabalho de seus próximos, levando-os à reflexão sobre seu próprio futuro: se pretendiam reproduzir e manter essas mesmas profissões mais comuns ou se iriam subverter a realidade e procurarem especializar-se e tentarem percorrer o caminho de oportunidades distintas que a educação pode oferecer.

Deixamos claro que o importante não é alcançar um nível ou posição de *status* superior ou possuir dinheiro, ou ter posses, mas sentir-se digno com a profissão que escolheu. E, mais do que isso, enfatizamos ser importante subverter também a falsa ideia de acreditar que possuir um trabalho nos torna sujeitos econômicos livres e que, ao contrário, essa liberdade individual é aparente, pois, como nos alerta Marcuse (1973), na verdade, vivemos sob a imposição de um modo de vida carregado de labuta, insegurança e temor de perdermos o nosso emprego, que é o meio que nos possibilita suprir nossas necessidades humanas básicas ou

nossas falsas necessidades, determinadas pelo sistema capitalista.

Em uma das turmas do 6º ano, o fato que nos chamou a atenção foi a presença de duas irmãs gêmeas que eram *youtubers* e já tinham bastantes seguidores. Elas tratam, em seu canal, sobre a Coreia, sua cultura, desenhos, hábitos. Conversamos um pouco sobre isso, lembrando da questão política da atual Coreia do Norte¹, e que, por isso, elas informam que abordam assuntos apenas da Coreia do Sul. Os resultados dessa turma apontaram um número considerável de pessoas que trabalhavam como motoristas de aplicativo que, assim como *youtuber*, trata-se de uma profissão nova, já que são serviços recém-criados.

Na disciplina de Língua Portuguesa, a primeira atividade realizada foi a produção de charges sobre a violência. Foi realizada em três etapas: na primeira aula, os alunos foram distribuídos em grupo para lerem e comentarem sobre as charges que a professora e a pesquisadora haviam levado de antemão. Depois, deveriam compartilhar, com toda a sala, a charge, e tecer alguns comentários a seu respeito. Então, os alunos tiveram que produzir uma charge em grupo acerca da violência condizente à sua realidade para ser entregue e apresentada, na aula seguinte. As imagens das charges produzidas foram as seguintes, que podem ser conferidas na Figura 1, cujo conteúdo textual será reproduzido, na sequência.

Figura 1 - Charges produzidas pelos alunos



Fonte: Acervo das autoras

Muitos atestaram não terem talento para o desenho, mas informamos que o importante seria o texto. A turma produziu o total de 11 charges, sendo que duas envolveram a violência contra o meio ambiente, duas abordaram a questão econômica e social e as outras sete restantes diziam respeito à violência em si, e, destas, seis mencionavam a escola ou os estudos nas situações abordadas. Os textos das charges que estão transcritos exatamente como produzidos pelos alunos são:

Quadro 1 - Textos das charges produzidas pelos estudantes

Charge 1	Diálogo entre 2 alunas na escola: Aluna 1: <i>Será que o professor de matemática vai vim hoje?</i> Aluna 2: <i>Acho que não, porque sempre dá tiroteio ele volta no meio do caminho!</i>
Charge 2	Diálogo entre 2 meninas: Menina 1: <i>Nossa colocaram fogo de novo na árvore!</i> Menina 2: <i>Verdade Estão fazendo isso direto</i>
Charge 3	Diálogo entre uma árvore e uma florzinha: Situação 1: No céu, o sol está tossindo com a poluição e tem uma nota informando “O que vivemos hoje” Árvore: <i>I ae! Quantas amigas você já perdeu?</i> Florzinha: <i>Agora só restou eu</i> Situação 2: No céu, o sol está sorrindo e a nota diz: “O que queremos para amanhã”: Árvore: <i>Estou feliz pois gerei muitos frutos</i> Florzinha: <i>Eu também pois ganhei novos amigos</i>
Charge 4	A filha está deitada na cama e está retratado um homem com arma na mão mais próximo à janela e um outro mais afastado com uma pistola e o relógio na parede está marcando 6:30 h. Mãe: <i>Filha, pode voltar a dormir. Já vi que não vai ter aula...</i>
Charge 5	Diálogo entre 2 meninos: Menino 1: <i>Meu pai me deu um carro de controle remoto!</i> Menino 2: <i>O meu me deu um carro normal mesmo</i>
Charge 6	Diálogo entre um homem e uma mulher (dois professores) tirando materiais de uma sacola com os dizeres “Kit de professor”: Mulher: <i>O kit professor tem livros, agenda, lápis, caneta e até pen drive...</i> Homem: <i>...mas colete à prova de balas é novidade!</i>
Charge 7	Diálogo entre um menino que está com o celular na mão e um ladrão que está apontando uma arma para o menino: Ladrão: <i>Passa o celular!</i> Menino: <i>Calma! É seu mesmo!</i>
Charge 8	Diálogo entre 2 alunos em frente à escola que está com um cartaz com os dizeres: “Fechado por causa de tiroteio”: Aluno 1: <i>Oi! Vai ter aula?</i> Aluno 2: <i>Não, porque vai ter operação.</i>
Charge 9	Diálogo entre 2 alunos: Aluno 1: <i>Oi vamos para escola sozinhos hoje?</i> Aluno 2: <i>vou com a minha mãe caso dê tiro</i>
Charge 10	Diálogo entre um menino e sua mãe, tendo mais ao fundo um grupo de alunos entrando na escola com a professora à porta: Menino: <i>Quero estudar!!!</i> Mãe: <i>Que estudar oque! Vai vender latinha!</i> Outros alunos: <i>Eba Educação física!!!</i> Professora: <i>Oi alunos</i>
Charge 11	Diálogo entre 2 alunos conversando no pátio da escola: Aluno 1: <i>Avisa pra eles que vai ter operação, e que o diretor está mandando todo mundo subir!</i> Aluno 2: <i>“Sacanagem”! A gente não pode ter 1 momento de lazer.</i>

Fonte: Acervo das autoras.

Um aspecto que podemos destacar em algumas dessas charges é o

descontentamento quanto a não poderem frequentar às aulas e à escola, devido aos confrontos entre policiais e traficantes, quando há operações no bairro. Duas charges atestaram a situação econômica social dos moradores dali, como, por exemplo, o menino que falou que o pai deu um carrinho simples e no caso do menino que queria ir estudar, mas foi proibido pela mãe que o mandou ir catar latinhas para vender. Duas charges envolveram a violência que também afeta os professores que não são moradores dali, demonstrando que os alunos, de certa forma, se preocupam com a segurança dos professores. Fugindo um pouco desses temas, duas charges abordaram a violência ao meio ambiente, fato interessante e que revela uma preocupação quanto aos impactos causados pelo desenvolvimento científico e tecnológico, como a poluição e o desmatamento, que estão a serviço do capital, assim como relata Marcuse (1973, p. 160), quando afirma que “[...] em virtude de seu próprio método e de seus conceitos, [a ciência] projetou e promoveu um universo no qual a dominação da natureza permaneceu ligada à dominação do homem”. Tal assertiva reforça as evidências de que a ciência e a tecnologia exploram a natureza desordenadamente como um recurso inesgotável, trazendo sérias consequências à vida humana.

Logo, pode-se concluir que as situações de violência retratadas são comuns a eles e fazem parte do seu cotidiano. Quase todas têm similaridades entre si, mostrando que a frequência de tiroteios na localidade é algo corriqueiro e que os obriga a acostumarem-se a isso. Essa situação inclusive impacta a rotina da escola que foi retratada na maioria das charges, e, assim, as aulas e sua rotina de estudos também ficam afetados e acabam por se adaptar à violência e à realidade deles, não sendo incomum não haver aulas, algo que atrapalha seus planos e interrompe a sua vontade de estudar ou fazer outras atividades na escola. Por isso, não há como desconsiderar a violência como tema a ser discutido na escola, haja vista que um indivíduo, em situação de pobreza, além de ficar privado “dos bens de consumo que tornam a vida menos dura, mais fácil, mais não agradável” (PETIT, 2009a, p. 47), também fica impedido e limitado de participar ativamente da sociedade, sendo-lhe negado frequentar a escola ou realizar outras atividades, como ficou retratado em algumas charges. Desse modo, deixa-se de usufruir dos benefícios que os bens culturais podem oferecer, tanto em sentido intelectual como em sentido material, os quais poderiam lhe conferir uma vida mais digna, mais prazerosa e repleta de

sentidos e significados, que, por meio das trocas com outros entes sociais, contribuiriam para a sua formação cidadã e político-social, a qual, por sua vez lhe daria mais condições de ser uma voz mais atuante nas decisões que lhes afetam.

A outra atividade realizada na disciplina de Língua Portuguesa foi a produção de livros por grupos de alunos sobre Manguinhos ou sobre a cidade do Rio de Janeiro ou do bairro, que culminou com a realização de um café literário. Para tanto, a professora sugeriu que os alunos fizessem uso de alguns livros do acervo da biblioteca.

Na aula seguinte, os alunos foram levados para a biblioteca para dar continuidade à escrita do livro e a pesquisa no acervo. Alguns alunos puderam narrar, de forma inicial, suas histórias e alguns ficaram bem empolgados. No terceiro e último momento, foi a culminância do projeto com a realização do café literário, para o qual a professora preparou cartazes sobre Manguinhos e os alunos foram convidados a ler. Depois, os grupos puderam falar sobre suas produções. Foi produzido o total de oito livros pelos alunos, cujas capas podem ser observadas na Figura 2.



Figura 2 - Capas dos livros produzidos pelos alunos

Fonte: Acervo das autoras

Desses oito livros, seis foram escritos sobre Manguinhos, apenas um abordou a cidade do Rio de Janeiro e o outro livro, embora não tenha sido escrito sobre esses temas sugeridos, abordou um tema sobre alcance de um sonho, cujo título foi “A professora doutora”. Três livros continham histórias fictícias que envolviam o bairro, sendo todos os outros resultados de pesquisas sobre a cidade e o bairro. Situamos alguns aspectos interessantes sobre esses livros, como a preocupação em fazer uma dedicatória, divisão em capítulos e prólogo ou prefácio, atestando a preocupação desses alunos em produzir um material mais completo. De todos esses livros, atentamo-nos mais aos fictícios, afinal, revelaram a capacidade de imaginação e criatividade desses alunos que souberam incorporar a realidade de onde moram, nas histórias.

Na história intitulada ‘Como nasce Manguinhos’, os alunos contaram como se deu o surgimento da comunidade, por meio de um conto fantasioso recheado de mágicos e dragões que, na esperança de encontrarem seus filhotes perdidos, partem para uma jornada em busca de uma planta para curar a filha do pajé, em troca de informações sobre o paradeiro dos dragõezinhos. A jornada é de total aventura que acaba sendo bem-sucedida e o final guarda uma surpresa, pois, ao entregarem a planta para o pajé, este revela que tudo não passa de um sonho e explica o motivo de fazer isso:

Vocês estão sonhando! O casal de dragões significa os seus bens preciosos, os filhotes são seus objetivos, eu planejei esse sonho. Quando vocês acordarem, povoem Ape`ku com essa garra e foco que vocês tiveram para encontrar os pequenos animais. O lema que vós deixareis, servirão de apoio para os futuros moradores dessa terra. Lutem por seus objetivos’. Acordaram assustados e mesmo assim fizeram tudo que Sevér pediu, povoaram aquela terra e pôs o nome de Manguinhos devido a sua beleza em manguezais. (PINTO, 2019, p. 233).

O livro que retratava a história de amor foi ainda mais além, pois demonstrou a reflexão acerca da situação de muitos jovens moradores que sofrem com o preconceito por serem de famílias de baixa renda e discriminadas por morarem ali. A história narra o desejo de Richard que tem o sonho de ser um cantor famoso e, ao conhecer Luna, acaba se apaixonando. Porém, ele esconde sua origem já que Luna é rica. Ao ser descoberto, ela termina o namoro e ele, para reconquistá-la, escreve e

canta uma música no concurso de música e ganha o prêmio, além de reconquistá-la. A música, transcrita tal como escrita pelos alunos, é:

Eu moro no morro e ela na Zona Sul
Sou negão e a patricinha é loira de olho azul
Os playboy ficam de bob, recalçado que sou pobre
E quando eu vou no bairro dela é o maior zum zum zum.

Eu moro no morro e ela na Zona Sul
Sou negão e a patricinha é loira do olho azul
Quer sair do bairro nobre pra casar com um cara pobre
Ela já tem eu de negro e quer fazer mais um. (PINTO, 2019, p. 233).

Esses dois trechos, retirados dos livros produzidos, revelam a criatividade dos alunos em incorporar suas criações com aspectos relacionados ao seu bairro e seus moradores. No caso do primeiro, os autores, ao escreverem “O lema que vós deixareis, servirão de apoio para os futuros moradores dessa terra. Lutem por seus objetivos” mostra que quiseram transmitir uma palavra de ordem, um incentivo para os moradores não desistirem de seus sonhos ou de lutar por uma situação melhor de vida, que, apesar de toda dificuldade que passam, devem lutar por seus objetivos. Já no segundo trecho, os autores, por meio de versos, descreveram características físicas, sociais e econômicas dos moradores de Manguinhos que, embora discriminados por moradores de outras áreas da cidade, não se deixam abater ou se humilhar por serem como são ou pertencerem à determinada classe social.

A proposta dessa atividade era que os alunos contemplassem como tema de pesquisa e produção o seu bairro ou sua cidade e, com exceção de apenas um livro, todos atingiram esse propósito. Os alunos puderam recontar e descrever informações e características da sua comunidade, resgatando não só o processo de ocupação como também as situações cotidianas, entre elas, a da violência e a das operações policiais cada vez mais frequentes, que os moradores e eles próprios enfrentavam.

Tal exercício está de acordo com o sugerido por Freire (1996, p. 14) de que o(a) educador(a), ao respeitar o senso comum e capacidade criadora do educando, está assumindo o compromisso “com a consciência crítica do educando cuja ‘promoção’ da ingenuidade não se faz automaticamente”. É preciso dizer que os alunos fizeram colagens e desenhos para melhor retratar e ilustrar as histórias e pesquisas e o fato de usarem o acervo da escola que possuía títulos sobre o bairro e

a cidade comprovam a potencialidade da biblioteca de dar suporte aos conteúdos curriculares das e nas aulas.

Uma outra atividade que selecionamos ocorreu durante uma aula de Ciências da Natureza, com alunos do 7º ano. Realizamos uma roda de discussão com os alunos, após a leitura individual do livro “*O que fazer? Falando de convivência*”, de autoria de Liliana Iacocca e Michele Iacocca (2009). Os comentários orais mais significativos foram de alguns alunos acerca do respeito que deve ser demonstrado aos colegas quanto à sua orientação sexual, respeito este que, de acordo com suas falas, envolve o não julgamento dos defeitos dos outros para também não se ser julgado e que é preciso respeitar as diferenças, uma vez que somos diferentes uns dos outros e que, se quisermos ser respeitados, devemos respeitar aos outros.

Também foi citada, por alguns, a importância de agir em prol da coletividade e uma aluna mencionou que os atos e descobertas de pensadores e pesquisadores, no campo do conhecimento matemático e científico, contribuíram para a formação e o desenvolvimento da sociedade e do mundo. Alguns alunos não quiseram se pronunciar oralmente e, por isso, preferiram produzir um pequeno texto, no qual citaram que uma boa convivência não pode existir com base no racismo e no preconceito, mas com base na honestidade e no respeito ao meio ambiente, aos animais e aos idosos. Foi citada, por uma aluna, a questão do assédio sexual que algumas mulheres e meninas sofrem, o que também caracteriza falta de respeito com o ser humano. Outros alunos mencionaram a necessidade de ocorrerem debates entre os governantes e a população como forma de se pensar em soluções para os problemas ou, ao menos, amenizá-los, citando inclusive que há muita corrupção em nosso país.

Em vista disso, por meio dessa atividade, podemos apontar que os alunos foram estimulados a expressarem suas opiniões, indo ao encontro do ensino de Ciências sob um viés crítico, no qual abrimos a possibilidade de trabalhar os conteúdos não só científicos, mas sociais, políticos e ambientais, os quais não podem ser caracterizados como meros “conhecimentos empacotados”, ao contrário, devem estar voltados “[...] para a concretização de valores como a solidariedade, a responsabilidade social, a criatividade, a disciplina a serviço do interesse comum, a vigilância, o espírito crítico” (FREIRE, 1978, p. 46).

A alfabetização emancipadora, defendida por Freire e Macedo (2011), deve

contemplar uma compreensão crítica dos conteúdos, em que o ato de aprender a ler a escrever é criativo e implica uma compreensão crítica da realidade, dando ao alfabetizando uma compreensão crítica do texto e do seu contexto sócio-histórico. Ou seja, é preciso, a partir das atividades e da leitura dos livros, estar atento à articulação com a realidade, qualidade que tanto a pesquisadora quanto os demais professores procuraram demonstrar quando tomaram o cuidado de que atividades elaboradas fossem articuladas com a realidade destes alunos, assim como afirmam Freire e Macedo (2011).

Uma dessas atividades foi a leitura e produção de charges com os alunos do 9º ano na disciplina de Língua Portuguesa, as quais selecionamos duas para nossas análises. A primeira charge comentada por um aluno retratava uma situação em que um aluno, ao buscar um *kit* para estudar, ouviu da atendente que os coletes à prova de balas haviam acabado, ou seja, em vez do *kit* conter material escolar, como cadernos, lápis, borracha, era composto por colete à prova de balas, ou seja, a violência é tanta naquele espaço, que até mesmo se tornou motivo de riso, ao colocar o colete como parte do material escolar.

Sobre essa charge, esse aluno explanou o que compreendeu e se saiu muito bem, localizando que a produção foi baseada no caso de uma estudante que havia sido baleada dentro de uma escola e que eles, por morarem na periferia, estavam mais inseguros do que os alunos da zona sul. Então, ele terminou dizendo que desejava ter os mesmos direitos desses alunos de irem e virem em segurança, sem o risco de serem atingidos por bala perdida.

Essa reflexão vai ao encontro do modelo de alfabetização revolucionária, preconizada por Freire e Macedo (2011), que convida os alfabetizados a pensar e promove a sua compreensão de fazer história e serem feitos e refeitos por ela e de não lerem histórias alienantes, que a configura como uma narrativa para a ação e um resgate da história, da experiência e das relações sociais dominantes.

A segunda charge comentada por outro aluno mostrava uma mãe maltrapilha com um bebê no colo e outro filho que, ao pedir para ir estudar, ela dizia que “não... que havia coisas mais importantes para ele fazer” (PINTO, 2019, p. 252). Ele explicou que ela estava errada, pois não dava valor para os estudos, negando ao seu filho a possibilidade de conseguir uma formação melhor e um emprego que os fizesse sair da miséria. Muito provável que isso replica a realidade de tantos jovens que se

evadem dos estudos, o que transfere a posição da educação como direito para a de privilégio.

Se uma sociedade almeja tornar-se uma sociedade de trabalhadores,

[...] não pode deixar de ter, no trabalho livre, na produção do socialmente útil, uma fonte fundamental de formação do homem novo e da mulher nova, coincidentes com tal sociedade. (FREIRE, 1978, p. 72).

Nesse trecho, Freire não está defendendo a “unidade” entre trabalho e estudo que existe nas sociedades capitalistas que, para ele, “[...] se parecem mais como ‘viveiros’ em que se ‘cultivam’ os futuros operários para vender sua força de trabalho à classe empresarial” (FREIRE, 1978, p. 72). O que ele defende é uma prática reflexiva sobre a realidade desses educandos trabalhadores, abrindo caminhos para se discutir uma temática geradora significativa que esteja ligada a seus interesses concretos em que o aprendizado da língua esteja associado ao aprofundamento da “leitura” e da “re-leitura” crítica da realidade, mesmo porque “a língua dos alunos é o único meio pelo qual podem desenvolver sua própria voz, pré-requisito para o desenvolvimento de um sentimento positivo do próprio valor” (FREIRE; MACEDO, 2011, p. 185).

Recorrendo às charges produzidas, as quais citamos anteriormente, as mediações da professora e da pesquisadora foram fundamentais para captar o interesse dos alunos em participar das aulas. O fato de irem, no momento da aula, para a biblioteca, deixava-os mais à vontade e acabou contribuindo para que se sentissem interessados em comentar e fazer a atividade, algo que, para nós, merece destaque, uma vez que o desinteresse observado, nas primeiras aulas, era evidente.

Tal mudança de postura e atitude por parte dos alunos demarca a potencialidade de utilização do espaço da biblioteca para aulas diferenciadas e mais participativas, o que é facilitado até mesmo pela disposição em que os alunos se sentam, diferente daquela da sala de aula, que acaba por tornar as aulas mais monótonas e tradicionais. Sendo assim, a biblioteca deixaria de ser apenas um lugar de acesso e guarda de informação, para tornar-se um conservatório de sentidos que estimula a fantasia e o devaneio, que são componentes do processo de formação que oportunizam simbolizar e instruir (PETIT, 2009b), características que buscamos

validar mediante a realização dessa atividade.

A realização do café literário configurou-se como um ponto culminante do projeto, propiciando aos alunos um momento de descontração, sem deixar de lado o foco, que era compartilhar com o restante da turma as histórias e pesquisas, possibilitando reflexões posteriores acerca dessas produções e fomentando o gosto pela leitura e escrita, aspectos que sempre foram motivados pela professora e pela pesquisadora, principalmente por quererem frequentar a biblioteca para esse fim.

Acerca disso, baseamo-nos na afirmação de Petit (2009b) de que transmitir o gosto pela leitura aos adolescentes aqui no Brasil é um desafio, especialmente quando crescem nos meios populares, porque os livros são comumente objetos desprovidos de sentido e a leitura, na maioria das vezes, foi imposta e obrigatória, na escola, sem dar vazão à criatividade e à descoberta. Por isso, foi preciso elevar a posição da biblioteca a um espaço cultural para simbolizar as experiências, aspectos que pudemos apreciar durante a realização dessa atividade.

Também recorrendo às atividades realizadas na disciplina de História que foram descritas anteriormente, concluímos que a atividade de pesquisa bibliográfica oportunizou a aplicação de uma prática diferenciada da sala de aula, afinal, levar os alunos à biblioteca significou resgatar o uso daquele espaço com o fim de fazerem pesquisas escolares, tendo o papel da bibliotecária como alguém importante no processo, e a busca de assuntos, nos próprios livros, cujo produto foi realizarem um trabalho acadêmico com introdução, desenvolvimento, conclusão.

O fato dos alunos terem cumprido a atividade de forma satisfatória para a professora demonstra que o objetivo foi atingido, o que nos leva a reforçar que fazer da biblioteca um espaço de interação e propício para atividades pedagógicas contribui para o processo da alfabetização revolucionário como um ato criador que deve ser feito pelo educando e não pelo educador (FREIRE, 1989).

Quanto à atividade das entrevistas sobre as profissões, também já descrita, por se mostrarem flexíveis durante a sua realização, demonstra que tanto a professora como a pesquisadora buscaram maneiras de se comprometerem com o desenvolvimento da atividade, no intuito de possibilitar uma discussão mais próxima da realidade dos alunos, pois garantiram, mesmo que de forma improvisada, o maior número de respostas possível, fazendo do espaço pedagógico “um texto para ser constantemente ‘lido’, interpretado, ‘escrito’ e ‘reescrito’”, assim como sugere Freire

(1996, p. 38), abrindo-se espaço para a solidariedade e para a aprendizagem democrática.

Finalmente, analisando a atividade realizada na disciplina de Ciências da Natureza, informamos que não foi possível, naquela aula, devido ao tempo, fazer uma relação da ciência e da tecnologia com a situação da sociedade atual que, por estar assentada numa racionalidade instrumental, mantém a humanidade numa relação de subserviência com a técnica e a ciência que se encontram vinculadas com a economia capitalista (ADORNO; HORKHEIMER, 1947).

Porém, esse assunto foi abordado em outras aulas com o professor, configurando, assim, uma possibilidade de se trabalhar os conteúdos mediante a leitura de livros ou textos, no alcance de uma educação emancipadora. Por outro lado, por termos conseguido realizar uma discussão por meio da roda de conversa, buscamos atingir uma educação emancipadora, como proposta por Freire (1989), de se priorizar a leitura crítica, a partir de temas significativos à experiência comum dos alfabetizando acerca das forças e dos elementos que atuam nas sociedades capitalistas, vinculando-se o processo de alfabetização à realidade do aluno. Mediante a valorização de seus conhecimentos prévios e da leitura de textos que estavam de acordo com a realidade vivida, fizemos os alunos se sentirem mais próximos da palavra e, assim, sujeitos do processo de emancipação e subversão.

Recorrendo aos dados, estes indicam uma mudança de postura de determinados alunos quanto à realização das aulas no espaço da biblioteca, como observado nas primeiras aulas de Ciências da Natureza, quando os alunos se mostravam desinteressados ou tumultuavam a aula, chegando muitos até a sair, mas, a partir da terceira aula do segundo semestre na biblioteca, ninguém mais saiu antes da aula terminar.

As ações dos professores acabaram por evidenciar algumas potencialidades e limites de articulação dos conteúdos curriculares, no espaço da biblioteca. As potencialidades acham-se corroboradas pelo apoio dos três professores que se voluntariaram a executar as atividades no espaço da biblioteca, os quais eram das áreas de Ciências da Natureza, Língua Portuguesa e História, que sugeriram assuntos e temas a serem trabalhados e verificaram os títulos selecionados pela pesquisadora a partir das sugestões, e que estavam articulados com os conteúdos dados em sala de aula, além de contribuírem e se mostrarem dispostos a cumprirem

o cronograma.

Quanto aos limites, apuramos que estão ligados diretamente às incertezas sofridas pelo contexto, como já dissemos, que, por estar em um território vulnerável, a frequência das aulas não era mantida, o que atrapalhava sobremaneira a continuidade das atividades, sendo preciso rever o cronograma para adequação do tempo e cumprimento do mesmo. Também devido a isso, as aulas, no segundo semestre, foram encurtadas em 10 minutos, o que prejudicou a qualidade da execução das atividades, situação que foi apontada por alguns alunos como um dos motivos do que menos gostaram acerca das aulas na sala de leitura.

Podemos apontar também como um limite o fato de que a inexistência de um profissional e de um sistema informatizado na biblioteca, bem como dos poucos títulos e exemplares, prejudicam, em muito, a busca pelos livros, tornando-se quase que inviável a realização de uma atividade com uma turma numerosa ou que atenda aos requisitos do professor. Mesmo assim, com bastante empenho, planejamento e preparação da pesquisadora, foi possível realizar algumas atividades, apoiada pelos professores, que também se mostraram criativos e compreensivos quanto a esses limites.

Nesse sentido, isso vai ao encontro do que Petit (2009b) afirma, de que, no ambiente escolar, a biblioteca não deveria ser empregada somente para fins pedagógicos, mas deveria ser um espaço cultural para promover e estimular a curiosidade e a criatividade, mostrando-se mais eficaz o trabalho em conjunto e parceria entre os professores e os bibliotecários, sendo que ambos devem estar abertos às sugestões e a novas abordagens pedagógicas que estimulem a leitura e o acesso ao conhecimento. Por isso, ressaltamos que, durante a execução da pesquisa que era, por sua natureza, participante, a participação dos professores foi imprescindível, sendo seus interesses e necessidades vinculados às atividades realizadas na biblioteca, realizados em comum acordo com a pesquisadora bibliotecária.

Considerações finais

Durante todo o processo de incursão em campo empreendido nesta pesquisa, conforme sugerido por Santos e Baroni (2007), analisamos nossa atuação, que

procurava se adaptar ao retorno e aceitação ou não dos sujeitos, tanto alunos, como professores e membros gestores, que serviram como termômetro para a pesquisa. Agir assim, como proposto pela pesquisa participante, foi essencial para que conseguíssemos realizar as atividades e cumprir os cronogramas criados para cada disciplina ministrada pelos três professores parceiros, como também possibilitou-nos estender nossa atuação a outros professores que quiseram partilhar conosco de um momento diferencial em suas aulas, oportunizando a seus alunos a prática da leitura e o acesso ao espaço da biblioteca.

Acreditamos que muitos professores não simbolizam o quanto uma aula diferenciada pode ser significativa na vida de um aluno, servindo como força formadora, no seu processo educativo. Por isso, julgamos a biblioteca como ferramenta que pode auxiliar a prática pedagógica dos professores para atrair os alunos para os conteúdos curriculares, conforme foi proposto nessa experiência. Inclusive, por meio dela, foi possível compreender que, por oportunizarmos aos alunos o exercício da leitura e da escrita por meio das atividades propostas e realizadas, buscamos também alcançar um processo de alfabetização crítico, com base na análise da prática social e da realidade em processo de transformação, permitindo-os se indagarem e de se acharem mais envolvido no processo (FREIRE, 1989).

Por conseguinte, as atividades que os professores trabalharam nas aulas na biblioteca apontaram possibilidades e potencialidades de se incorporar a literatura como eixo de formação científica. Algumas dessas potencialidades foram manifestadas pelo interesse que os alunos demonstraram pela frequência às aulas, pelo interesse em realizar as atividades e pela mudança de postura e comportamento que alguns demonstraram no decorrer da experiência, conforme observado pela pesquisadora. Outrossim, foi possível apontar também alguns limites no que diz respeito à manutenção e melhorias no espaço para que seja usado pelos professores para futuras aulas e projetos. Talvez esse seja um dos motivos para que muitos outros professores não se sintam atraídos a usarem aquele espaço ou a literatura como estratégia didática nas suas aulas, pois enxergam mais desvantagens do que vantagens em articularem aulas diferenciadas com seus alunos. Essa lacuna apontada por esta pesquisa ascende a necessidade de um estudo mais específico voltado para esse assunto.

Notas

* Sabrine Lino Pinto é doutora em Educação em Ciências e Saúde do Programa de Pós-graduação do INUTES-UFRJ (2019), mestra em Educação em Ciências e Matemática do Programa EDUCIMAT do Instituto Federal do Espírito Santo - IFES (2014), graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2005) e pós graduada com especialização em Biblioteca Escolar pelo CESAT. É bibliotecária-documentalista no Campus Vitória do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) desde 2009.

** Sonia Cristina Vermelho é doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003). Possui graduação em Processamento de Dados pela Universidade Positivo (1993), mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998). Fez Pós-Doutorado no INESC/Universidade do Porto, Portugal no Laboratório de Sistemas de Informação e Computação Gráfica (2014). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde vinculado ao Núcleo de Tecnologia Educacional para Saúde - INUTES, no Laboratório de Linguagens e Mediações.

¹ A Coreia do Norte, como é conhecida a República Democrática Popular da Coreia é o país que possui um dos regimes políticos mais fechados do planeta, levando a sua população a viver sob o domínio de uma verdadeira ditadura. Disponível em <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/coreia-norte.htm>>. Acesso em 23 set. 2018.

² A transcrição dos trechos apresenta fielmente escrita dos alunos, cujos dados foram publicados na tese de doutoramento da pesquisadora Pinto (2019).

Referências

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Tradução: Maria Helena Ruschel. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, 259 p.

ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1947, 254 p.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999, 160 p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1989, 80 p. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, 173 p. (Coleção O mundo, hoje).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 166 p. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo; MACEDO, D. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. São Paulo: Paz e Terra, 2011, 272 p.

IACOCCA, Liliana; IACOCCA, Michele. **O que fazer?**: falando de convivência. São Paulo: Ática, 2009, 48 p.

LARROSA, Jorge. Sobre la experiencia. **Aloma**: revista de psicologia, ciències de l'educació i de l'esport Blanquerna, Barcelona, n. 19, p. 87-112, 2006. Disponível em: <<https://www.raco.cat/index.php/Aloma/article/view/103367/154553>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, 257 p.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009a. 192 p.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009b, 304 p.

PINTO, Sabrine Lino. **Potencialidades da biblioteca escolar na ampliação de palavravmundo e no despertar da curiosidade epistemológica no contexto urbano vulnerável e violento**. 2019. 310 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde, Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, Nair Iracema Silveira dos; BARONI, Luciana Rodrigues. Uma pesquisa-intervenção em análise: militância, sobreimplicação ou ato político? In: FERNANDES, Ângela; MARCONDES, Adriana. ROCHA, Maria Lopes. da. (Orgs.). **Novos possíveis no encontro com a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 69-85.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, 222 p.

Recebido em: julho de 2020.

Aprovado em: novembro de 2020.